

ADRIANA MATTOS CAÚLA E SILVA

## Sergio Bernardes e a utopia como plano de pensamento sobre a cidade.

*Sergio Bernardes and the utopia as a plan of thought about the city.*

**Adriana Mattos Caúla e Silva**

Professora Adjunta da EAU/UFF, ganhadora do Prêmio CAPES de Teses 2009 na área de Arquitetura e Urbanismo, Pós-doutora pelo PPG-AU/UFF 2011/2012; Doutora pelo PPG-AU FAUFBA (2008), estágio doutoral no LAIOS-CNRS- Paris e LAA/ENSAPLV (2005-2006) pelo programa CAPES-COFECUB; Mestre pelo PROURB UFRJ(2001); Especialização em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio (1998) e Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU UFRJ (1997). Tem experiência de ensino e prática profissional na área de Arquitetura Urbanismo e Paisagismo. temas de interesse: utopias, imagens urbanas, hqs, cinema, videogames, favelas, cidade contemporânea e acervos de arquitetura e urbanismo.

*Adjunct Professor at EAU / UFF, winner of the 2009 CAPES Thesis Award in the area of Architecture and Urbanism, Post-Doctorate at PPG-AU / UFF 2011/2012; PhD at PPG-AU FAUFBA (2008), PhD internship at LAIOS-CNRS-Paris and LAA / ENSAPLV (2005-2006) by the CAPES-COFECUB program; Master at PROURB UFRJ (2001); Specialization in Communication and Image from PUC-Rio (1998) and Graduation in Architecture and Urbanism from FAU UFRJ (1997). Has teaching experience and professional practice in the area of Architecture Urbanism and Landscaping. topics of interest: utopias, urban images, comics, cinema, video games, slums, contemporary city and architecture and urbanism collections.*

adriana\_caula@id.uff.br

### Resumo

Sergio Wladimir Bernardes (1919-2002), arquiteto natural do Rio de Janeiro, formado em 1948 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve uma trajetória profissional bastante singular e profícua.

Pela qualidade e inventividade de seus projetos, ascendeu na carreira rapidamente, compartilhando o cenário da arquitetura carioca e seguidamente o cenário nacional, com nomes já consagrados da arquitetura brasileira, como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e os irmãos Roberto.

Sua produção ao longo de aproximados 50 anos de prática profissional reúne projetos vários: mobiliário, objetos, residências, grandes edifícios, equipamentos públicos, planos diretores, projetos de urbanismo e urbanização. Com tamanha variação escalar, seu conjunto de obras não se segmenta, mas interpenetra-se e amplia-se agregando mais intensivamente as reflexões sobre a cidade com o avanço de sua carreira.

Para que possamos entender mais sobre as reflexões de Sergio Bernardes sobre a cidade e ainda entender estas reflexões a partir de um pensamento utópico, propomos a construção deste artigo entorno de um dos mais emblemáticos projetos de Sergio Bernardes: o Rio do Futuro, publicado em edição especial da Revista Manchete em 1965.

**Palavras-chave:** Rio de Janeiro. Sergio Bernardes. Utopia.

### Abstract

*Sergio Wladimir Bernardes (1919-2002), natural architect of Rio de Janeiro, graduated in 1948 by the National Faculty of Architecture of the University of Brazil, now the Federal University of Rio de Janeiro, had a very singular and proficient career.*

*For the quality and inventiveness of his projects, he quickly ascended his career, sharing the scene of the architecture of Rio de Janeiro and then the national scene, with already consecrated names in Brazilian architecture, such as Lúcio Costa, Oscar Niemeyer and the Roberto brothers.*

*Over approximately 50 years of professional practice, Bernardes production brings together various projects: furniture, objects, residences, large buildings, public equipment, master plans, urban planning projects and urbanization. With such a scalar variation, his set of works is not segmented, but interpenetrates and amplifies itself adding more intensively the reflections on the city with the advance of its race.*

*So that we can understand more about Sergio Bernardes' reflections on the city and also understand these reflections from utopian thinking, we propose the construction of this article surrounding one of the most emblematic projects of Sergio Bernardes: Rio do Futuro, published in special edition of Manchete Magazine in 1965.*

**Keywords:** Rio de Janeiro. Sergio Bernardes. Utopie.

## Introdução

Na Sergio Wladimir Bernardes (1919-2002), arquiteto natural do Rio de Janeiro, formado em 1948 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve uma trajetória profissional bastante singular e profícua.

Sergio Bernardes desempenhou importante papel dentro da história da arquitetura e do urbanismo, apesar da sua ausência ou de tímidas menções na historiografia do campo. Sua produção ao longo de aproximados 50 anos de prática profissional reúne projetos vários: mobiliário, objetos, residências, grandes edifícios, equipamentos públicos, planos diretores, projetos de urbanismo e urbanização. Com tamanha variação escalar, seu conjunto de obras não se segmenta, mas interpenetra-se e amplia-se, agregando mais intensivamente as reflexões sobre a cidade com o avanço de sua carreira.

Sergio Bernardes transitava livremente por diferentes campos e tocava as mais variadas escalas, impulsionado sempre por sua infundável curiosidade, sua clareza de pensamento (como ressaltam seus pares) e seu rigor técnico característico.

Pode-se dizer que parte da produção de Bernardes, principalmente a arquitetônica em um primeiro momento de sua carreira, seguiu premissas da arquitetura moderna - como a condução racionalista e o determinismo formal funcionalista. Mas de maneira muito particular, o arquiteto desenvolveu sua própria arquitetura escapando da inclusão em grupos, fases ou escolas, como apontado por Cavalcanti (2004). Experimental, tecnológica, inventiva no uso e exploração da produção em escala industrial, suas criações acompanharam a intensa industrialização do Brasil que ocorreu a partir da década de 1950.

Como apontam Cavalcanti (2004), Vieira (2006) e Nobre (2010), Bernardes mantinha-se atento às inovações tecnológicas, o que o aproximava de figuras vanguardistas como Frei Otto e Buckminster Fuller. Sua inventividade, também provocada e alimentada pelo trabalho intensivo junto ao canteiro de obras, era notória e pode ser constatada em suas entrevistas, nas quais ressalta ações compartilhadas com os operários. Caso exemplar é sua descrição do “dobrar vergalhões junto a operário” na falta de cimento durante a obra da residência de Maria Carlota Macedo Soares (Lota Macedo) na região serrana do Rio de Janeiro, criando as características treliças da cobertura<sup>1</sup> [FIGURA 1].

O próprio Bernardes declarava que desenvolvia seus projetos como invenções, invenções estas que se movimentavam por planos de ação e pensamento variantes, afastando-o de posturas rígidas. Havia nele um pensamento claro, objetivo e ao mesmo tempo aberto e maleável. Seu olhar sempre para frente, para o horizonte, como o próprio afirmava, objetivava a transformação do mundo em algo melhor<sup>2</sup>: seja por ações/projeções de pequena escala, objetivas e ágeis, seja por projetos mais complexos, macroescalares ou proposições de reestruturação dos sistemas vigentes.

<sup>1</sup> Informações contidas na transcrição das entrevistas de Sergio Bernardes dadas a João Pedro Backheuser em 1997. Acervo do arquiteto Sergio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação NPD FAU/ UFRJ - Brasil.

<sup>2</sup> BERNARDES, Sergio. Revista Módulo: Especial Sergio Bernardes. Rio de Janeiro, 1983.

Sergio Bernardes e a utopia como plano de pensamento sobre a cidade.

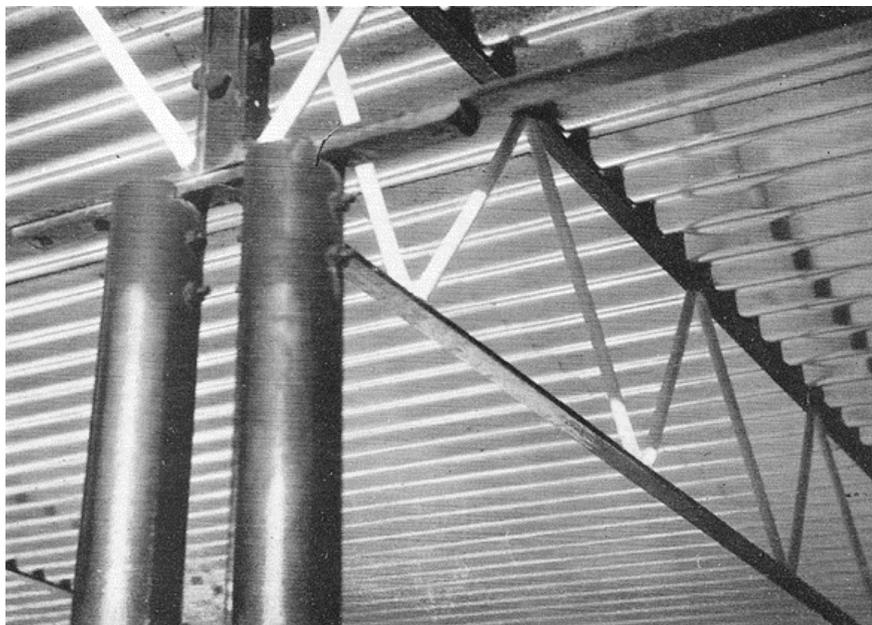
Sergio Bernardes and the utopia as a plan of thought about the city

FIGURA 1

Detalhe da treliça metálica da Residência Maria Carlota Macedo Soares, localizada em Petrópolis, Região Serrana do Rio de Janeiro.

Architecture Aujourd'hui n.90 jun/jul 1960, p.60

Arquitetura, s/d. Disponível em: <<http://www.bernardesarq.com.br/memoria/tropical-de-manaus-primeira-versao/>>. Acesso em 04 de junho de 2019.



Algumas obras construídas, conhecidas, mas por vezes não reconhecidas como de sua autoria, são, em seguida, elencadas visando formar uma amostragem em bloco (incompleta) dos projetos construídos nos seus 30 anos de maior produção.

1949: Sanatório de Curicica, Rio de Janeiro/RJ. 1950: Residência Staub, Petrópolis/RJ. 1951: Residência de Maria Carlota Macedo Soares, Petrópolis/RJ. 1951: Residência Hélio Cabal, Rio de Janeiro/RJ. 1952: Casa de Campo de Guilherme Brandi, Petrópolis/RJ. 1952: Residência Cincinato Cajado Braga, São Paulo/SP. 1952: Edifício Barão do Gravatá, Rio de Janeiro/RJ. 1953: Edifício Justus Wallerstein, Rio de Janeiro/RJ. 1954: Residência Paulo Sampaio, Petrópolis/RJ. 1954: Pavilhão da Companhia Siderúrgica Nacional, Parque do Ibirapuera, São Paulo/SP. 1955: Residência Juvenildo da Rocha Vaz, Rio de Janeiro/RJ. 1955: Edifício multifamiliar Avenida Niemeyer, Rio de Janeiro/RJ. 1958: Pavilhão do Brasil na Exposição de Bruxelas, Bruxelas/BEL. 1958: Aeroporto Internacional de Brasília, Brasília/DF. 1959: Plano Piloto para a Favela de Irajá, Rio de Janeiro/RJ. 1959: Edifício Casa Alta, Rio de Janeiro/RJ. 1960: Pavilhão de São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ. 1960: Residência do arquiteto, Rio de Janeiro/RJ. 1962: Hotel Tambaú, João Pessoa/PB. 1962: Clube de Oficiais da marinha, Brasília/DF. 1962: Clube de Regatas Jaó, Goiânia/GO. 1962: Residência Magalhães Lins, Rio de Janeiro/RJ. 1963: Centro de Estudos do Cacau CEPEC, Ilhéus/BA. 1963: Hotel Galeão, Rio de Janeiro/RJ. 1964: Boa Viagem Praia Clube, Recife/PE. 1968: Mausoléu Castelo Branco, Fortaleza/CE. 1968: Estádio do Corinthians, São Paulo/SP. 1969: Centro de Pesquisas da Petrobrás CENPES, Rio de Janeiro/RJ. 1969: Mastro da Bandeira, Brasília/DF. 1972: Centro de Convenções de Brasília, Brasília/DF. 1974: Indústrias Schering, Rio de Janeiro/RJ. 1975: Poltrona Rampa e Cadeira Rede. 1976: Postos de Salvamento da Orla, Rio de Janeiro/RJ. 1978: Conjunto Habitacional Maria Cândida Pareto, Rio de Janeiro/RJ [FIGURA 2].

Sergio Bernardes e a utopia como plano de pensamento sobre a cidade.  
Sergio Bernardes and the utopia as a plan of thought about the city

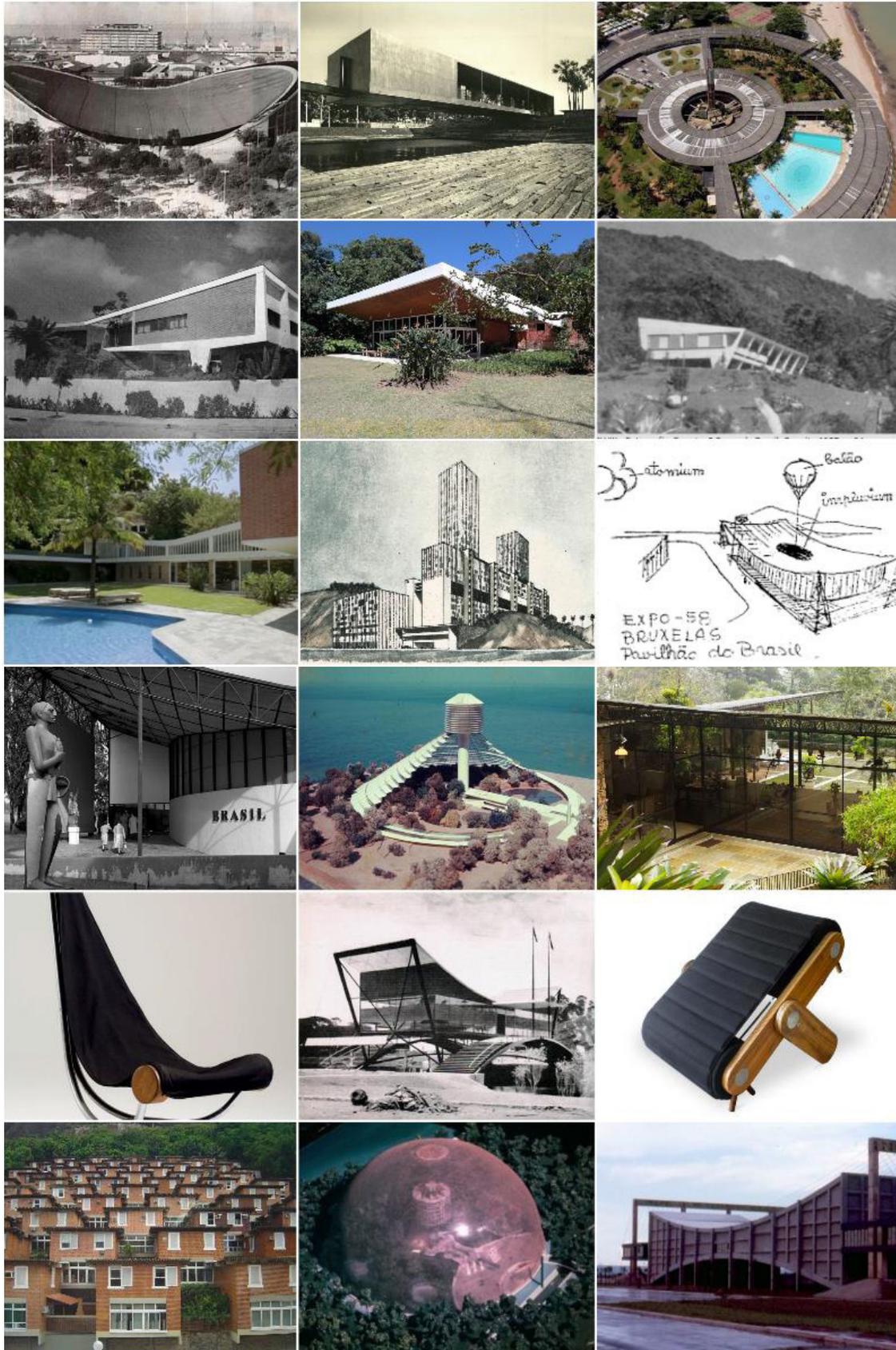


FIGURA 2 - Montagem feita com imagens dos projetos de Sergio Bernardes compreendendo o período de 1949 a 1978.

Fontes: Acervo do arquiteto Sergio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação NPD FAU/UFRJ – Brasil; VIEIRA, Monica Paciello. Sergio Bernardes: Arquitetura como experimentação. Rio de Janeiro: PROARQ, 2006, 126p. [Dissertação]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Em 1957, a partir da concepção inicial de seu projeto Bairros Obreiros, seus interesses e investigações ampliam-se. Torna-se, cada vez mais clara, a inquietação de Sergio Bernardes frente a questões mais amplas, que o levará a fundar, oficialmente em 1978, o Laboratório de Investigações Conceituais – LIC, estrutura paralela e que foi abrigada no mesmo prédio do escritório SBA (Sergio Bernardes Arquitetura) na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro.

Progressivamente passa a dedicar-se igualmente à prática, à teoria e às experimentações, debruçando-se sobre criações prospectivas, explorando as possibilidades de transformação da própria existência humana. Sua postura generosa é perceptível, tanto na proliferação de ideias como na confiança humanista e otimista no futuro do homem e do meio urbano, como transparece em seus escritos. Ele acreditava que a arquitetura deveria permitir a antecipação do desenvolvimento da cidade do amanhã e buscava por respostas - e por mais questionamentos - ao formar equipes pluridisciplinares que reuniam arquitetos, engenheiros, filósofos, geógrafos, cartógrafos, sociólogos, antropólogos, biólogos... – estas trocas eram o cerne do LIC.

A preocupação de Bernardes com o futuro das cidades vinha crescendo ao longo do tempo e o número especial da Revista Manchete, objeto central deste artigo, foi a primeira publicação reunindo as propostas que vinham sendo pensadas por Bernardes para o Rio de Janeiro, muito instigado por sua participação na administração do Governo de Carlos Lacerda como assessor da Secretaria de Obras da Guanabara. Para que possamos entender mais sobre suas reflexões e ainda entender estas reflexões a partir de um pensamento utópico, propomos a construção deste artigo entorno de um dos mais emblemáticos projetos de Sergio Bernardes: o Rio do Futuro, publicado em edição especial da Revista Manchete em 1965.

## Bernardes em seu presente (com seus olhos no futuro)

O contexto no qual Bernardes vai desenvolver e apresentar as ideias do Rio do Futuro, pleno de acontecimentos e problemáticas das mais variadas escalas e intensidades, torna claro como este projeto é um conjunto de ações/reações/provocações a este presente.

Bernardes em Rio de Futuro apresenta uma construção, cria outros sistemas, organizações da condição humana em vários aspectos impregnado de um otimismo racionalista, marcante no início do século XX, mas atualizado insistentemente por Bernardes em meio a um contexto agitado, incerto e ruidoso (diga-se tenso e contraditório) dos anos 1960 no mundo, no Brasil e em especial, no Rio de Janeiro.

Com o deslocamento da capital do Brasil para Brasília, o Rio de Janeiro tornou-se uma Cidade-Estado (estado da Guanabara). Mesmo inserida em um quadro de crise econômica nacional e em um processo de longa data de esvaziamento de sua economia, a nova Cidade-Estado passou a ter uma situação particular de dupla-arrecadação de tributos (municipal e estadual), o que permitiu ao então primeiro governador, Carlos Lacerda, promover grandes investimentos em obras públicas. Era um momento muito particular e Lacerda integrou parte de sua roda de amigos à sua administração visando a transformação da Guanabara para lançar-se seguidamente à presidência do país.

Havia uma clara intenção do governo na ordenação do desenvolvimento urbano baseado, principalmente, no automóvel (havia um fundo nacional que subsidiava os estados para execução de planos de infraestrutura viária) e o estímulo ao desenvolvimento industrial – que no caso do Rio de Janeiro ainda era muito tradicional e inserida na malha urbana consolidada da cidade. Com isso, a abertura de vetores de expansão era fundamental para promover locais estruturados e interessantes para investimentos combatendo o esvaziamento econômico da Guanabara.

Entendendo a oportunidade que se conformava e objetivando o desenvolvimento do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda contratou, em 1964, o escritório de Consultores Associados Doxiadis, de Constantino Doxiadis, urbanista grego, para desenvolver o Plano de Desenvolvimento Urbano da Guanabara até o ano 2000 [FIGURA 3].

FIGURA 3

Constantino Doxiadis em apresentação de seu plano para o Rio de Janeiro em 1965.

Foto de arquivo do Acervo O Globo. 24/6/1965. Disponível em: < <https://acervo.oglobo.com/fatos-historicos/plano-doxiadis-previa-criacao-de-mais-de-400-quilometros-de-vias-expressas-10405668#>> consultado em 01/06/2019.



Esta contratação gerou revolta de grande parte dos profissionais brasileiros. Os embates foram amplamente noticiados pelos principais jornais em circulação. Era notória a qualidade técnica do meio profissional nacional na engenharia, arquitetura e urbanismo, sobretudo após a experiência de Brasília. O Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) chegou a nomear uma comissão para analisar o contrato do escritório estrangeiro. Há tempos o IAB e a classe dos arquitetos no Brasil vinham lutando e discutindo a necessidade de elaboração de um Plano Urbanístico para o Rio de Janeiro, cientes da importância das peculiaridades do contexto social, econômico, político, cultural e ambiental. Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Mauricio Roberto estavam entre os nomes mais atuantes na resistência à contratação de Doxiadis.

Ainda próximo ao governador Carlos Lacerda, mas já exonerado de seu cargo de assessor da secretaria de obras, Sergio Bernardes, não dissonante de seus companheiros de profissão, reage: tanto engajando-se junto aos colegas do IAB na oposição ao ato de contratação de um estrangeiro para a elaboração do Plano do Rio de Janeiro, mas, sobretudo, reage projetualmente, elaborando o chamado Rio do Futuro. A reação de Bernardes, projetual e prospectiva, cria um plano utópico de pensamento sobre o Rio de Janeiro. Respondendo a problemas de seu presente, de seu contexto, com a liberdade de pensamento que o deslocamento de tempo permite, Bernardes, por descontentamento, cria um Rio de Janeiro de aparente encantamento nos anos 2000.

## Utopia como plano de pensamento

Como apontado por Novaes (2016, p.13) “a utopia é uma das noções mais esquecidas no hoje”, talvez seja reflexo de análises e construções que nos levam a associação da noção ao irreal ou irrealizável. A carga pejorativa da noção de utopia e sua mudança de classe gramatical (do substantivo próprio Utopia para o substantivo comum utopia e então para o adjetivo utópico) ocorre ao longo do tempo<sup>3</sup>. Esta transformação do termo e sua carga negativa permanece como senso comum até a contemporaneidade.

Ao percorrermos as utopias com atenção ao desejo de utopia, ou seja, o desejo por “outro”, este apresenta-se como um desejo ligado ao tempo futuro. Este desejo de futuro não está ligado diretamente à antecipação (Dadoun, 2000, p.27) mas como desejo de ruptura com o tempo presente.

***“As utopias não contemplam as transições. Elas são rupturas. Não há descrições de como regimes sociais, políticos, econômicos ou configurações físicas das cidades passariam para a apresentada. É a criação de um outro espaço, de um outro tempo (...) mas como produto, como resposta ao espaço e tempo presente.” (Pessin, 2001, p.119)***

Apesar de Bernardes declarar seu projeto como uma realidade, registrando a negação da utopia na introdução da publicação, chamamos a atenção para a própria atitude de ruptura do arquiteto ao criar um outro Rio de Janeiro, atitude esta considerada inerente às utopias. Sua reação, demonstra todo o inconformismo com a situação vivenciada: Bernardes vislumbrava a real possibilidade de transformação da Guanabara, por isso sua imediata negação da utopia. Mas aqui trazemos de forma mais ampla a conceituação da utopia, escapando de sua simplificação a algo “irreal” ou “que não existe” e compreendendo-o como um conceito que não é neutro. A utopia constitui-se como um plano de pensamento, intrinsecamente ligado ao meio presente mas que localiza-se em outro tempo, como outro espaço.

A utopia é o horizonte, a vontade de mudar e através deste desejo reflete-se e compreende-se a sociedade e suas buscas, como uma atitude mental aberta (Cioranescu, 1972) capaz de conter expressões várias que impulsionam o homem e o fazem refletir, com distanciamento e crítica, sobre si mesmo. Há, na história das cidades e do urbanismo, uma vasta produção de expressões utópicas. Estas podem ser vistas como parte de um processo crítico que se utiliza da criação e invenção de outros lugares para se pensar sobre as cidades<sup>4</sup>. As utopias refletem os tempos nos quais são criadas e mostram-se como um livre território do pensar.

O Rio do Futuro de Sergio Bernardes pode ser visto primeiramente como uma utopia por partir de uma ruptura e uma crítica criando outra cidade em reação à realidade vivida. Pode também ser abordado como uma convergência, pois reúne ideias e experimentações que Bernardes vinha gestando há tempos e que mais a frente, têm lugar de pleno desenvolvimento com a formação do Laboratório de Investigações Conceituais, o LIC<sup>5</sup>. Rio do Futuro pode também ser visto como uma audácia: é uma narrativa criada sobre o futuro urbano do Rio de Janeiro divulgada através de um

3 Estas transformações podem ser acompanhadas pelos primeiros registros nos dicionários desde a criação do nome Utopia por Thomas More (1516), como pelos trabalhos de Tower-Sargent (2000), Baczo (2001) e Caúla e Silva (2008).

4 CAÚLA e SILVA, Adriana. Trilogia das Utopias Urbanas. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2008. 459p. [Tese], Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008.

5 Na chegada da década de 1960, identifica-se a inquietação de Sergio Bernardes frente a questões mais amplas que o levará a fundar, oficialmente em 1978, o Laboratório de Investigações Conceituais - LIC, estrutura paralela e que foi abrigada no mesmo prédio do escritório SBA (Sergio Bernardes Arquitetura) na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. A abertura do LIC o permite explorar a ampliação de seus interesses e de suas investigações que o levaram a se autodeclarar, um pouco mais tarde como um “inventor social”.

meio de comunicação popular de ampla circulação nacional – a Revista Manchete [FIGURA 4].

Se como afirma Versiani (1973, p.11), a utopia nasce de uma dupla experiência humana: uma negativa, com todos os sistemas – filosóficos, científicos, sociais, políticos, religiosos; outra positiva, da própria capacidade de recriação. Podemos entender Rio do Futuro como uma utopia. Ressonância a tantos ruídos, Bernardes alça a antiga capital a uma cidade, não global, mas universal, humana e cibernética, desmanchando estruturas e sistemas físicos, sócio-econômicos e político-administrativos vigentes.

Bernardes traçou uma tática incomum para apresentar suas ideias. Precisava, naquele momento, ser ágil, afinal o caderno técnico elaborado por Doxiadis chegara ao governo e os principais jornais anunciavam as grandes transformações propostas. Adotou também o meio impresso, mas de amplo alcance popular. Mobilizou equipe para a sistematização de ampla pesquisa, criou imagens e se utilizou de seu profundo conhecimento sobre a Guanabara e elegeu a Revista Manchete, publicação semanal do grupo Bloch, de alcance nacional e popular como forma de divulgação do seu contraprojeto ou contraplano (se podemos chamar desta forma).

FIGURA 4

Capa Edição Especial Revista Manchete: Rio do Futuro, 1965.

Fonte: Acervo do arquiteto Sergio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação NPD FAU/UFRJ-Brasil.



## Edição Especial: O Rio do Futuro

A revista é composta por um conjunto de textos não muito longos e muitas imagens, por vezes, oníricas ou com ares de ficção científica. É um conjunto instigante de imagens, textos, fotografias e diagramas, cadenciados por uma narrativa criada por Bernardes para envolver o leitor. Nesta construção reside uma densidade radical.

“Rio do Futuro – Antevisão da Cidade Maravilhosa no Século da Eletrônica”, é o subtítulo da edição. O texto da revista, de autoria do próprio arquiteto, introduz seu plano como uma “contribuição desinteressada ao meu Estado e, sobretudo, ao seu povo” (BERNARDES, 1965, p.42) e apresenta-o como uma síntese sucessiva de etapas

futuras, partindo de uma análise do hoje. Neste texto introdutório, ao lermos cientes de toda a situação e considerando que é também uma reação à contratação de Doxiadis, soa por vezes irônico, até malcriado ou mesmo como um explícito recado público: “vejam o que podemos”, mas um recado no superlativo. Lembrando das tensões e choques desta década em questão, Rio do Futuro chega contundente e provocativo.

Bernardes assumiu a responsabilidade e o desafio de analisar os problemas existentes, ciente da condição socioeconômica e política do Estado e do país e considerou ainda a escala global, apresentou propostas para o Rio de Janeiro em pontos até hoje sensíveis para a cidade, como os transportes e a habitação, sem deixar de lado a crítica à situação vigente em seus múltiplos aspectos. Há um consistente estudo e uma pesquisa longa de Bernardes embasando o Rio do Futuro e ele alia uma escrita estratégica, não hermética ou demasiado técnica a uma sequência envolvente de imagens extraordinárias.



FIGURA 5 - Capa Edição Especial Revista Manchete: Rio do Futuro, 1965.

Fonte: Acervo do arquiteto Sergio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação NPD FAU/UFRJ-Brasil.

A capa, traz uma perspectiva do projeto bairros verticais de Bernardes [FIGURA 5]. Podemos supor a escolha desta imagem por duas razões: o impacto visual, afinal, a Revista Manchete era uma publicação semanal de grande circulação no Rio de Janeiro e no Brasil, voltada a público não especializado, e a importância e complexidade da proposta em si. Os bairros verticais (com suas curvas helicoidais) são uma resposta direta ao processo de adensamento da cidade, resultado também de mudanças da legislação de ocupação territorial do estado da Guanabara (decretos 991 e 1590 que passam a permitir densidade e verticalização associadas) e um empenho especial de Bernardes pela “libertação do solo e da gravidade” e a limitação da expansão horizontal da cidade por razões físicas – o Rio de Janeiro desenvolve-se em área limitada pelo mar e pelos maciços.

Bernardes vinha apontando um desequilíbrio gerado pelas próprias cidades com sua expansão constante e o aumento vertiginoso do consumo alimentado pelo progresso. Para ele, as cidades estavam ameaçando o próprio homem, a natureza e sua existência. Frente a esse pensamento, Bernardes liberta-se do que chama de “urbanismo convencional” para livremente pensar o porvir de toda a Guanabara tomando como pilares fundamentais o homem, a natureza e seu habitat. (BERNARDES, 1975, p.64-65)

Frente a condição inegável de limitação territorial do Rio de Janeiro, a verticalização é apresentada em oposição à densificação horizontal que vinha ocorrendo na cidade. Cada um dos 156 bairros verticais, neste momento, seria composto por 20 mil lotes de 100m<sup>2</sup> cada, teriam 600m de altura, mas poderiam em um futuro alcançar 1km

de altura e abrigariam 150 milhões de habitantes. Com a verticalização radical, preservariam a paisagem da cidade, otimizando infraestrutura em um núcleo central e evitando a dispersão urbana. Esta é uma das propostas de Bernardes mais associada às utopias radicais dos anos 1960 e dissonante das primeiras utopias modernas do século XX: Cidades Jardins de Ebenezer Howard; Cidade Contemporânea de Le Corbusier e Broadacre City de Frank Lloyd Wright.

Imerso em contexto conflitante, Sergio Bernardes responde de maneira otimista e afinado a avant-garde arquitetônica que transformou a arquitetura moderna. Remarcamos a exposição que ocorreu no MOMA Nova Iorque, em 1960, considerada com um acontecimento não só no campo da arquitetura e urbanismo, reunindo as propostas urbanas radicais de jovens arquitetos e grupos que vinham sendo elaboradas envolvendo as megaestruturas: Kenzo Tange e os Metabolistas do Japão, Archigram e Cedric Price da Inglaterra, GEAM, Yona Friedman e grupo Utopia da França, Hans Hollein, Fredric St Florian, Haus Rucker and Co e Coop Himmelblau da Austria, Archizoom e Superstudio da Italia.

Estes grupos almejavam, assim como os pioneiros da arquitetura moderna do início do século XX, trazer a transformação utópica do ambiente construído em escala e velocidade nunca vistas, mas de maneira tecnológica, envolvendo a comunicação de massa e consumo, rompendo com o próprio movimento moderno.

Bernardes, avançou com sua utopia para além dos anos 1960 e mostrou a totalidade da proposta dos Bairros Verticais, com todo planejamento e integração com os novos sistemas apenas em 1975 em seu livro Cidade: Sobrevivência do Poder (editora Guavira) e em edição ampliada pelo LIC, de 1977 nomeada Bonus Patrimoniais – capitalização do solo urbano.

Retomando a revista Manchete, na sequência apresentada na publicação, há o texto traduzido da revista americana Time, que havia sido publicado na mesma semana do lançamento da edição especial da Manchete, e que, como ressalta o editor, comprova os princípios expostos por Bernardes. Anuncia-se no topo de página dupla o projeto para o Rio na idade da Cibernética. O termo Cibernética, criado por Norbert Wiener no pós-guerra, nomeia uma nova disciplina, dedicada a estudar o impacto social da automação. 33 anos depois da obra literária de ficção científica “Admirável Mundo Novo” do inglês Aldous Huxley, “Rio, admirável mundo novo” intitula texto de autoria de Bernardes apresentando o projeto do qual destaco o seguinte trecho:

***O processo evolutivo do homem e da natureza é recíproco: aperfeiçoa os dois. Desenvolve-se no espaço e no tempo, acumulando experiências e aprendizagens, que se transformam em conhecimentos, numa acelerada progressão, geradora de um homem e de um mundo novos. Às vezes a soma das experiências supera as parcelas, suplanta o indivíduo e a natureza, produzindo, sobretudo na adaptação especulativa das cidades, desajustamentos que exigem nova compreensão, adaptação e ação para situar o homem em sua escala universal. É tarefa do arquiteto traduzir, no espaço e no tempo, o equilíbrio buscado, sem o qual a evolução é massacre de indivíduos, esmagamento da humanidade, degradação e destruição da natureza pelo sacrifício do universal aos interesses particulares. O plano que apresento é uma contribuição desinteressada ao meu Estado e, sobretudo, ao seu povo.***

São enumeradas 6 ações principais (de escalas, tempos e prioridades diferentes). Todas tocantes à mobilidade/conectividade, crescimento urbano, verticalização, livre-comércio, estrutura turística, habitação. Amplia para a questão do homem no universo, uma abordagem humanista cara a Bernardes que irá tornar-se não só uma

constante e norteadora na formação do Laboratório de Investigações Conceituais - LIC como também irá dominar seu discurso, especialmente a partir do final dos anos 1960.

Cabe lembrar que o contexto da cidade, país e mundo, com seus acontecimentos – desde a conquista do espaço e a competitividade técnica-tecnológica, aos problemas urbanos comuns das grandes cidades, como a rápida expansão e crescimento populacional e os problemas de mobilidade com a multiplicação de automóveis (postos aqui de maneira muito rápida) estão provocando, reações projetuais e reflexões radicais sobre o futuro em várias partes do mundo, como mencionado há pouco. Bernardes, está também neste período, reverberando a estes acontecimentos e compartilhando uma posição mais radical com as avant-gardes e trabalhando de forma a explorar a utopia como plano de pensamento sobre as cidades.

O estudo da diagramação da revista, evidencia o cuidado de apuro com o qual Bernardes e sua equipe estavam empenhando na composição da edição. Associaram perspectivas, plantas, diagramas, imagens-conceituais a fotos da cidade que a cada página vão construindo um outro Rio de Janeiro, reconhecível apenas, nos mapas e nas pranchas em guache, pela topografia peculiar e característica da cidade.

A cidade existente, permanece neste futuro – apesar dos desenhos não mostrá-la claramente–diferentemente da tábula rasa moderna, os bairros verticais e as tantas outras grandes estruturas de lazer, educação, transporte propostas, se integram ao existente, se enraízam aproximando-se da realidade concreta, paradoxalmente assegurando sua característica futurista. Cria vocabulário próprio e brinca sobre dois planos diferentes: maleáveis, mas apropriados à escala temporal.

Rio do Futuro opera, assim como muitos outros de seus projetos, de um lado em uma realidade técnica, topográfica e sociopolítica, mas transpõe de outro lado, estes dados a um plano futuro que o permite repensar o espaço do real de maneira livre: este é o pensamento utópico. Como o próprio Bernardes afirmou, o seu posicionamento não era científico, tecnológico ou erudito, mas sim em suas palavras:

***“um comportamento prospectivo, a fim de permitir de uma maneira imediata livrar o futuro de seus velhos hábitos, com os quais ele é obrigado a apresentar-se hoje, deixando-o livre de decidir ele próprio suas próprias vestimentas. Eu me expesso no sentido de contribuir para um mundo melhor.”***

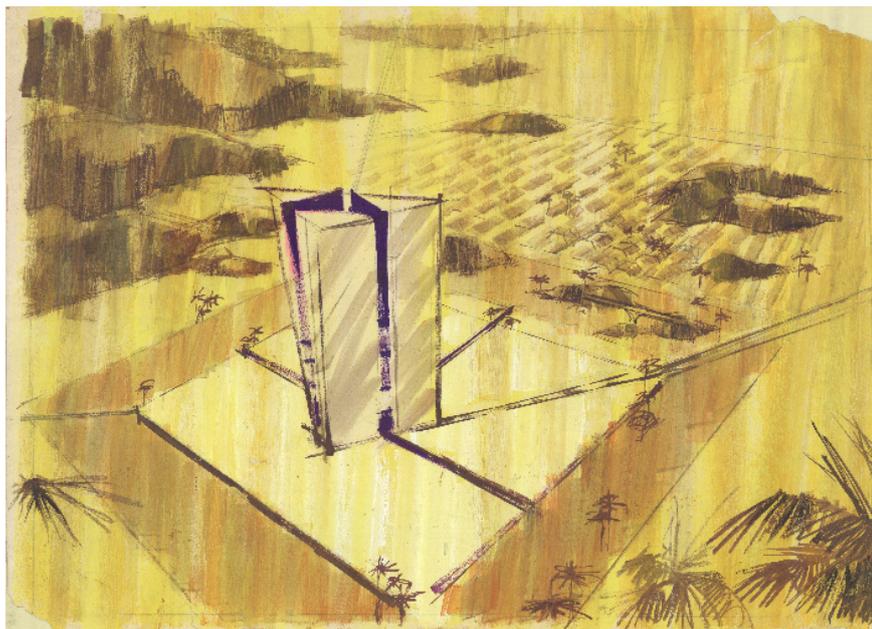
Em Rio do Futuro, Bernardes mostra sua reinvenção de uma sistemática, reencontrada de maneira mais robusta em outros de seus trabalhos, principalmente no livro Cidade – a sobrevivência do poder (1975). Invenção técnica, unificação do tempo e matriz de progresso humano guiam a reorganização total do território trabalhado como uma trama matemática, ações que se materializarão mais claramente no Plano da Guanabara e Projeto Brasil (1975).

Torna o centro geográfico da cidade, na baixada de Jacarepaguá nomeado como centro de equilíbrio [FIGURA 6], o centro comum, onde desenha o edifício dos três poderes, trazendo função e carga simbólica à localidade que depois foi assumida com Centro Metropolitano no Plano Piloto para a Baixada de Jacarepaguá de autoria de Lucio Costa (1969). Considerando uma população de 15 milhões de habitantes, cria grandes equipamentos voltados às artes, cultura, lazer, comércio, turismo, assim como um campus universitário, centros esportivos e educacionais. Estes equipamentos são apresentados como megaestruturas conectadas por sistemas de transporte público, como o monotrilho.

FIGURA 6

Centro de Equilíbrio do Rio de Janeiro : Rio do Futuro, 1965.

Fonte: Acervo do arquiteto Sergio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação NPD FAU/UFRJ-Brasil.



A mobilidade planejada de Bernardes prevê ampliação da rede de túneis existente (que fora intensificada no governo Lacerda), a criação de pontes (lembrando que a ponte Rio-Niterói não havia sido construída), rede de free-ways e mon trilhos diretos (já que nas últimas administrações o transporte público na cidade havia sido negligenciado e até reduzido). A ligação de transporte direta de Bernardes era fundamental pois cada bairro vertical possui seu próprio centro de compras, centro médico, administrativo... Ao tratar da mobilidade, Bernardes perpassa por diferentes escalas – universal, global, continental, nacional, regional, local [FIGURA 7].

Demonstra embasamento e pesquisa nas descrições e com material encontrado em seu acervo, mapas e mapas de estudo foram trabalhados para a elaboração e refinamento das propostas, em especial os anéis de transporte. Fundamental para o resguardo dos maciços da Pedra Branca e da Tijuca e de toda a floresta que os recobre, envolve através do traçado que segue a cota altimétrica de 100m, duas grandes áreas de preservação ambiental e, ao mesmo tempo, este traçado exerce controle da expansão urbana em áreas de topografia acidentada. Com estes anéis, as conexões mais desafiadoras da cidade (Zona Oeste – Zona Sul - Zona Norte) são propostas [FIGURA 8]. Neste ponto, percebe-se a ideia das conexões territoriais que Bernardes ampliará ao território nacional e a outros modais no projeto Brasil, alguns anos mais tarde, quando propõe rede de transporte aquaviária em todo território nacional.

Explora ampliações e aproveitamentos de estruturas a serem criadas para múltiplos propósitos, como o caso da ponte ligando Rio a Niterói tendo em seus pilares estrutura portuária, de armazenamento, importação/exportação ou ainda a associação entre o aeroporto intercontinental e um porto turístico na baía de Sepetiba.

Nesta edição do Rio do Futuro podem ser identificadas ideias atualizadas como o do Aeroporto Livre Intercontinental (com inspirações no projeto do Aeroporto de Brasília), os anéis de transporte que se desenvolverão como Anéis de Equilíbrio no Plano do Rio de 1975, e os Bairros Obreiros (proposta de 1957) e Projeto piloto da favela de Irajá (1960) apresentada ao Governador Carlos Lacerda como opção à remoção de favelas da cidade. Estas propostas afinaram-se mais tarde nas propostas das Rótulas Nacionais e Células Urbanas S.A.

O governo de Carlos Lacerda investiu em obras urbanas estruturais que marcadamente concentraram-se na área mais rica da cidade, a Zona Sul e sua consequente área de expansão, a então rarefeita Zona Oeste. Com a abertura de novos túneis e expansão de galerias dos existentes, o governo proibiu a circulação de transporte coletivo por estes – o que impactou a estrutura urbana interna da Guanabara.

Havia uma grande tensão pois a população mais pobre tinha grandes dificuldades de circulação e de acesso às áreas de maior oferta de trabalho, motivando a ocupação e adensamento dos morros do Centro e Zona Sul enquanto Lacerda reprimia a expansão de favelas com a política de remoções, construindo conjuntos habitacionais em áreas afastadas como a Cidade de Deus (Zona Oeste) e Vila Kennedy (Zona Norte). O debate da questão habitacional neste momento era polarizado: de um lado o governo Lacerda com a política de erradicação e remoção das favelas e em oposição, os cientistas sociais que defendiam a não intervenção nas áreas de autoconstrução.



FIGURA 7 - Centro de Equilíbrio do Rio de Janeiro : Rio do Futuro, 1965.

Fonte: Acervo do arquiteto Sergio Bernardes sob custódia do Núcleo de Pesquisa e Documentação NPD FAU/UFRJ-Brasil.

No Rio do Futuro, Bernardes vai aprofundar a discussão da habitação criando não só uma estratégia de intervenção, mas propondo um sistema de inserção física, política, social e econômica da população de baixa renda, opondo-se às ações segregadoras.

Apontamos Rio do Futuro como um declarado posicionamento de Bernardes, uma utopia operacional que reúne muitos de seus projetos e que irá retornar, de maneira atualizada e cada vez mais complexa, em seus projetos daí por diante. Ele trouxe questões de tempo, escala e de experimentação para constituir uma escritura provocativa que o permite atemporalizar seus projetos e responder às críticas ao declarar que a “viabilidade de um projeto repousa mais sobre a capacidade de uma população e suas instituições a aceitar um modo de vida radicalmente diferente do que a validade dos meios técnicos necessários para sua realização.” Sua utopia maior residia na quebra dos sistemas e paradigmas vigentes.

A arquitetura de Sergio Bernardes desenvolveu-se atrelada a uma abordagem conceitual que transita agilmente entre escalas muito variadas, sempre ancorada a ideias mais amplas que envolvem território, política, sistema econômico, meio ambiente e ecologia, inovações tecnológicas, invenções e acima de tudo, ideias prospectivas visando, sobretudo, o bem-estar do homem. O arquiteto declarava

sempre olhar para frente, para o horizonte, buscando criar e transformar o mundo em algo melhor. O futuro para ele era hoje e tomava esta postura, considerada por muitos como radical, como motor determinante no processo de elaboração de seus projetos.

Avança para além do projeto moderno de mudança da realidade social através da arquitetura e urbanismo e opõe ao lema corbusiano dos anos 1920 “Arquitetura ou Revolução”, nem Arquitetura nem Revolução, mas REvolução, com o erre grafado, ou melhor Evoluções: processos livres, contínuos e sucessivos de transformação urbana/social/política/econômica e conseqüentemente, humana.

## Considerações Finais

A trajetória de Bernardes parece ser marcada pelo gradual acúmulo de questionamentos e atualizações sobre o tempo, o espaço e o homem, sendo as interrogações voltadas para o tempo do porvir, fortemente ancoradas no presente e debruçadas diretamente sobre o estudo atento das dinâmicas, processos, problemas e disputas que produzem e caracterizam o espaço. O redesenho do mundo que o cercava parece cadenciar sua produção e para isso, como o próprio declara, criou e desenvolveu seus projetos como invenções provocativas.

Sergio Bernardes desenvolve um discurso ao longo de sua atuação não estático, este vai se transformando, assim como a sua arquitetura e suas reflexões e propostas para as cidades. Este movimento acompanha a compreensão do arquiteto com o que o circunda, sua consciência da potência das ideias e as transformações da arquitetura e dos projetos urbanos ao longo de seus processos. Bernardes, em muitos momentos, parece entrar em um embate consigo mesmo. São momentos de exercício pleno de sua maior competência, a experimentação e a reflexão, ou seja desliza para utopia, criando sobre este plano de pensamento libertário. Sua inquietação e desejo o levavam a refletir sobre seu mundo circundante o qual desenhava e criava como uma utopia em processo de atualização. Rio do Futuro não se encerrou na publicação de 1965, se transformou, cresceu, se intensificou e multiplicou-se em tantas outras ideias resultados do exercício pleno da maior competência de Bernardes: a provocação.

## Agradecimentos

Agradecimentos a Kykah Bernardes e ao Projeto Memória/Bernardes Arquitetura pelo apoio e generosidade na disponibilização dos materiais produzidos por Bernardes e preciosas indicações feitas ao longo destes anos de aproximação. A professora Elisabete Martins pelo incentivo, ao NPD, em especial a João Claudio Parucher pela parceria e competência no trabalho junto ao acervo. Agradeço às professoras Ana Amora e Ethel Santana pela mobilização em torno do Centenário de Sergio Bernardes.

## Referencias

BERNARDES, Sergio. **Cidade. A Sobrevivência do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Guavira, 1975.

BERNARDES, Kykah; CAVALCANTI, Lauro. **Sergio Bernardes**. Rio de Janeiro: Artviva, 2010.

CAVALCANTI, Lauro. **Sergio Bernardes: Herói de uma tragédia moderna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2004.

Sergio Bernardes e a utopia como plano de pensamento sobre a cidade.  
Sergio Bernardes and the utopia as a plan of thought about the city

CIORANESCU, Alexandre. **L'avenir du passé. Utopie et Littérature**. Paris: Gallimard, 1972.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1964-1974. Disponível em < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital> > acesso em 1/06/2019.

DADOUN, Roger. **L'utopie, haut lieu d'inconscient**. Paris: Sens&Tonka, 2000.

MOTTA, Marly Silva da. **Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

NOBRE, Ana Luiza. **Fios cortantes: Projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-70)**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008, 358p. [tese]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O Globo, Rio de Janeiro, 1960-1970. Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com>> acesso em 1/06/2019.

PESSIN, Alain. **L'imaginaire utopique aujourd'hui**. Paris: PUF, 2001.

REVISTA MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 17 de abril de 1965. Número Especial: Rio do Futuro, no 678.

Última Hora, Rio de Janeiro, 1960-1968. Disponível em <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>> acesso em 14/5/2019.

VIEIRA, Monica Paciello. **Sergio Bernardes: Arquitetura como experimentação**. Rio de Janeiro: PROARQ, 2006, XXp. [Dissertação]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

## RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

**Submissão:20/07/2019**

**Aceite:29/07/2019**